

# “Jumbo”: Operação totalmente realizada

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Completamos a operação totalmente. Embora tenha sido uma cerimônia simples, ela é um marco nas nossas negociações econômicas». Com tal afirmação, o ministro Ernane Galvães, da Fazenda, revelou a sua satisfação em conseguir concluir o jumbo de US\$6,5 bilhões de dólares, cuja assinatura foi levada a efeito na manhã de ontem, no Hotel Pierre, onde compareceram vários banqueiros, os ministros Delfim Netto, do Planejamento, Ernane Galvães, da Fazenda, o presidente do Banco Central, Affonso Pastore, e os membros do comitê de assessoramento de bancos, liderados por William Rhodes, do Citibank.

Após a cerimônia, o ministro Galvães concedeu uma entrevista coletiva no Banco do Brasil, assinalando que os quatro projetos ontem aprovados pela comunidade financeira internacional atingem a um total de US\$ 28 bilhões de dólares, o que significa que esta foi a maior operação da história da comunidade financeira internacional. Galvães confirmou, ainda, que a primeira parcela dos US\$ 3 bilhões que os banqueiros irão liberar será recebida em três tranches de US\$1 bilhão, a pedido do próprio Governo brasileiro, esperando-se que o primeiro saque seja efetuado daqui a duas ou três semanas.

O ministro Delfim Netto, por seu lado, que deveria ter comparecido à entrevista coletiva, comentou com seus assessores que «hoje é o dia do Galvães». Contudo, toda a comitiva brasileira demonstrava uma euforia incomum com o sucesso da operação, o que levou o presidente do Banco Central, Affonso Pastore, já na parte da tarde, a comentar que «a imprensa não preparou perguntas para a hipótese de que a operação fosse concluída integralmente. Todas as perguntas — acrescentou — ficavam na base de que a operação não seria fechada. Para azar de muitos — ironizou — todos os problemas foram superados, os bancos de países que tinham algumas dúvidas acabaram por aderir, e parece que este resultado não agradou», desabafou Pastore.

Na entrevista coletiva, Galvães disse que agora a função do Governo será a de administrar os programas traçados, enfatizando que a conclusão desta operação terá efeitos dos mais positivos para o Brasil, principalmente por eliminar as incertezas que existiam junto aos empresários, permitindo, agora, que eles passem a trabalhar com mais tranquilidade nos seus planejamentos deste ano.

«O resultado que cada país vem alcançando, principalmente o Brasil e o México — continuou Galvães — melhora consideravelmente nossas posições no cenário internacional. Contudo, o programa é que o Brasil pague uma boa parcela dos seus compromissos com recursos próprios, isto é, com os superávits da balança comercial, o conseguido em 1983, de US\$ 6,5 bilhões, e os US\$ 9 bilhões programados para 1984. O que faltar, dentro das expectativas de todos, terá de ser complementado pelos bancos internacionais. Mas, aumentando-se os nossos superávits no comércio internacional, reduzem-se nossas necessidades de recursos».

Para Galvães, ainda é prematuro pensar-se no equacionamento do balanço de pagamentos de 1985, embora admita que tanto em 85 como em 1986 o Brasil ainda terá problemas neste setor. «Este pacote fechado hoje — ressaltou Galvães — mostrou um caminho que deu bons resultados para nossas operações futuras. Nós já sabíamos que a conclusão deste jumbo não seria fácil, que teríamos de lutar muito, mas felizmente tudo deu certo».

O ministro da Fazenda disse que não se pode saber quanto o Brasil irá precisar em 1985, ponderando que depende de vários setores, como o resultado da balança comercial e o desempenho das taxas de juros do mercado internacional, entre outros.

Quanto aos problemas que produtos brasileiros vêm enfrentando nos Estados Unidos, principalmente o aço, Galvães disse ter confiança de que o governo norte-americano não acatará as reclamações do setor privado, permitindo que o Brasil mantenha uma expansão razoável nesta área. Galvães ressaltou que o Brasil não criou medidas artificiais para conter suas importações, alcançando êxito nesta área devido ao corte de compras externas das empresas estatais e à redução significativa da importação de petróleo, resultado da expansão de produção de energia no Brasil, tanto no campo petrolífero como do álcool.

Na área inflacionária, o ministro da Fazenda disse acreditar que tanto a retirada de subsídios como a redução do déficit público serão fatores de grande pressão para que ocorra uma inversão de alta dos índices de preços, estimando que a partir do segundo semestre deste ano a economia passe a apresentar algum crescimento. Na área da oferta de emprego, Galvães disse que nos últimos quatro meses o nível de desemprego está estável, acreditando que também a partir de julho de 84 a oferta de emprego seja maior.

Embora a operação do jumbo tenha atingido os US\$ 6,5 bilhões de dólares na manhã de ontem, o presidente do Banco Central, Affonso Pastore, informou na parte da tarde que ainda chegavam telex de instituições bancárias aderindo ao empréstimo. No entender do diretor da área externa do BC, José Carlos Serrano, tudo levava a crer que as adesões iriam ultrapassar os US\$ 6,5 bilhões previstos.

Segundo Serrano, em meados deste ano as autoridades da área econômica devem iniciar as negociações da chamada fase III do programa brasileiro, de equacionamento das contas de 1985.

Desta forma, os ministros da área econômica e os dirigentes do Banco Central, bem como o comitê de assessoramento de bancos, sentiram-se vitoriosos na manhã de ontem, ao fechar o jumbo de US\$ 6,5 bilhões, principalmente pelas constantes dúvidas levantadas sobre a possibilidade da complementação do projeto.



Galvães e William Rhodes: "Ninguém acreditava no fechamento da operação"